Foto: SACADURA
MPF
mocidade
portuguesa
feminina

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 5 — Telefone 46136 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

N.º 91 NOVEMBRO

ASSINATURA AO ANO 12$00 - AVULSO 1$00

Sinal de eternidade

O mês de Novembro é associado na nossa piedade à lembrança dos que entraram na eternidade que os ciprestes simbolizam, tranquilos, inalteráveis, a apontarem-nos o céu onde a nossa saudade deve ir procurar os que partiram

Sumário

Foto: FRITZ NEUMANN

Escala original

Assim chamou o P. Plus a uma espécie de oração que Dom Chautard compôs.

E' a *oração da aceitação* «cada vez mais completa e filial» significada em 8 notas que gradualmente vão elevando, em escala, a generosidade da alma que não quere parar nunca na sua elevação para a Altura.

Lê-a agora aí, tal-qual se encontruo nos apontamentos espipirituais do autor de «A Alma de todo o Apostolado».

Primeira nota —	*Aegre*	**— Com dificuldade.**
Segunda nota —	*Fiat*	**— Faça-se!**
Terceira nota —	*Amen!*	**— Assim seja!**
Quarta nota —	*Ita, Pater*	**— Sim, Pai!**
Quinta nota —	*Libenter*	**— De boa vontade!**
Sexta nota —	*Ecce adsum*	**— Presente!**
Sétima nota —	*Deo gratias*	**— Graças a Deus!**
Oitava nota —	*Alleluia*	**— Glória a Deus!**

Lembraste da última oração que traduzi para ti — e compôs um estudante canadiano?

Escala original. Mas é a doutrina cristã da *fortaleza* e da *alegria* — da única fortaleza que não é mero estoicismo ou naturalismo pagão, da única alegria que contenta a alma e dá sentido à vida.

Tenta *em todas as coisas da vida*, e *sempre, aconteça o que acontecer*, subir por aqui acima, a trepar de contente a mais contente, embora tantas vezes a natureza se recuse.

Do aegre ao alleluia!

★

Sabes como chamavam ao cântico do *alleluia* que os judeus usavam em certas alturas do seu ano litúrgico? O *Cântico dos degraus* «porque se usava na grande procissão pascal que subia os degraus mais altos do templo».

Cântico dos degraus

Pôe os olhos lá em cima no *Alleluia* — o último degrau...

Por aí fora, na tua vida, venha ela como vier, nunca arredes os olhos e o coração da Altura.

E sempre a cantar...

...como quem reza devagarinho, talvez até com os olhos arrasados de lágrimas, e os ombros vergados ao peso da *tua* cruz...

Sempre a cantar, como nos salmos, de degrau em degrau — oito! — para repousares forte e alegre, finalmente, lá em cima!

G. A.

"SINTO por vezes vir-me esta pergunta:

Mãe, que cantavas tu,
antes que o sono beijasse as faces do
(teu menino pálido e loiro?...
E lembras-te como saltavas assustada
quando em profundo sonho chorava
o teu menino pálido e loiro?»

Rilke fala assim a sua mãe em poesia, e dela e das suas histórias diz coisas lindas. Os contos que numa melopeia nos adormecem são "histórias que dão fôrça e sossêgo às crianças". E o mistério de embalar, a melodia duma canção são segrêdos que só as mães sabem:

"Donde é que isto vem assim?
Quem é que mo ensinou?
Para ele sei todas as lendas
e contos de ao pé do mar".

"Para êle sei todas as lendas e contos de ao pé do mar..." E' assim a Mãe. Penetra o mistério da Criação e os segredos do mar e as alegrias da terra e dá-se toda e põe no filho os sonhos longos da sua meninice.

Dizer o que em si traz esta palavra Mãe é cair no lugar comum duma adjectivação já gasta ou habituar-se a frases feitas, sem sentido novo que as vivifique.

A palavra não chega para expressar o mundo de ternura que o nome de Mãe é.

Só a Mãe sabe sorrir daquela maneira que dá coragem...

Só a Mãe tem autoridade com ternura.

Só a Mãe é severa com carinho.

Todos os lábios se abrem em jeitos de amor para dizer Mãe:

Os lábios infantis da criança que mal começa a falar...

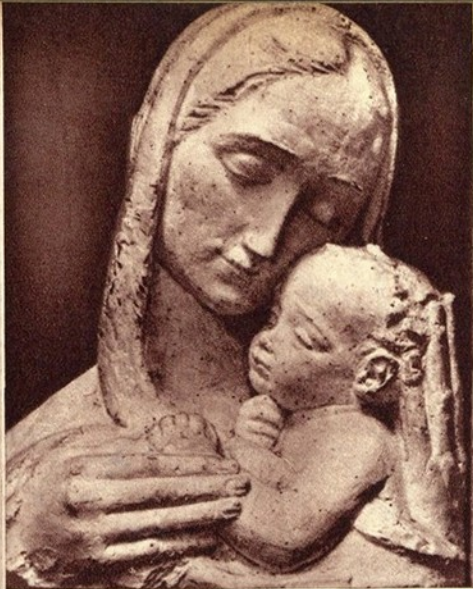
Os lábios sedentos dos adolescentes que despertam para a vida...

Os lábios dos que choram, dos que sofrem, dos que gemem...

E até os lábios daqueles que se perderam na lama do vício ou se desencontraram nas ruas do desespêro e do ódio...

As lágrimas da Mãe — caindo sobre a cabeça do filho doente — doente do corpo ou doente da alma são remédio que cura — porque "todos nós, mesmo chorando, precisamos de pedir, ao passo que às Mães basta chorar".

* * *

— Muito bem, Clara, podias no entanto tentar, isto quanto à forma,

MÃE. Escultura moderna
Hans Faulhaber

REUNIÃO

tornar mais concatenado o discurso numa sequência mais cerrada de idéias.

Falava assim uma rapariga, perdão uma senhora nova — vinte e tal anos, de sorriso nos lábios — um sorriso aberto que um olhar leal tornava mais acolhedor.

À volta, em ar de reunião, oito ou dez raparigas, todas elas entre os 15 e os 18 anos.

A Semana da Mãe estava à porta... por isso no Centro se pensava tanto nela; os berços estavam prontos, os enxovalinhos alinhados e compostos à espera do dia em que um frágil corpito os afagasse numa carícia. E tinha-lhes vindo a idéia de festejar duma maneira mais "sua" esta Semana da Mãe.

As Lusas tinham resolvido fazer uma sessão Cultural ou qualquer outra coisa no género em honra da Mãe. Clara faria uma pequena palestra exaltando a dignidade de ser mãe: a Maria Fernanda tocaria ao piano várias canções de embalar; a Joana recitava alguns poemas alusivos e até a Teresa se decidira a cantar uma canção de embalar da sua autoria.

As vanguardistas não quiseram ficar atrás, mas não desejaram imitações.

Foi a Lena que teve a idéia — se fossem capazes de representar um auto dum grande escritor ou então uma peça feita por elas, em que se glorificasse a missão da Mulher como Mãe? A Manuela mais utilitária e talvez menos artista lembrou que podiam fazer uma pequena festa para os pobres e simultâneamente ensinar as mães, com conselhos, colados aqui e além em grandes dísticos na parede; era uma ornamentação prática: "Não deixes que o teu filho se habitui à chupeta", e mais adiante: "Dá mamadas a horas certas ao teu menino". Apenas a maliciosa da Rita insinuou que as pobres podiam não saber ler e adeus utilidade e trabalhinho... o que a Amélia contestou dizendo que havia sempre um filho, dos do rancho, que já sabia ler.

Quem devia decidir era a Senhor a Dona Maria Amália — a Directora de Centro; ir-lhe-iam propor todos os projectos — a Rita que tinha jeito falava. E assim foi; tudo se pesou, viram-se os prós e os contras e por fim já toda a gente tinha idéias. A Senhora Dona Amália marcou uma tarde — a que mais convinha a todas por questão de horários — e fez-se uma reunião preparatória com as graduadas. Foi nessa reunião que Clara leu o esbôço da sua palestra. Ficaram assentes os programas das lusas, êste aprovado por unanimidade, e das vanguardistas após discussão acesa.

Foi a Senhora Dona Amália que encontrou uma solução de compromisso: representar-se-ia a peça e a sala seria ornamentada com os tais dísticos práticos, acrescentando-se-lhes outros com frases de exaltação da Mulher-Mãe.

Quanto às Infantas, pensaram primeiro fazer um concurso de enxovais para... bonecas, mas a Guida, uma chefe de castelo arvorada, 13 anos vivos, discordou em absoluto — achava que era um desperdício roupa para bonecas. Enxovais mas para... pobres. No entanto a Anita defendia a sua idéia — "que sim, que bonecas bonitas faziam lembrar às meninas que tambem haviam de ser mãizinhas; o Pai dizia que lá em casa não queria monos, queria bonecas para as filhas brincarem".

A Senhora Dona Amália aceitou ambos os alvitres: haveria um concurso de enxovais e outro de bonecas.

Um ponto decidido por unanimidade foi o *modus faciendi* da distribuição dos enxovais e do bodo aos pobres: não se faria em palcos, cada grupo iria junto da família contemplada e saberia levar a palavra que fortalece com o auxílio material que ajuda. Os berços viria alguém buscá-los, ou apesar de incómodo o seu transporte seriam as próprias raparigas que os levariam à casa do pequenito recem-nascido.

Por fim, em breves palavras, sem ar de sermão, foi a senhora Dona Amália que falou: encorajou-as, entregou responsabilidades a uma, deu trabalho a outra, deixou cair aqui uma palavra de calor, ali um incitamento e de todas ficou esperando aquela parcela grande de generosidade que só corações de gente nova são capazes de dar.

M. L. P.

Foto: STEIL

CAMPANHA DE AMOR À VERDADE

A M. P. F. anda este ano empenhada, como já dissemos, na *campanha de amor à verdade*. Mas, para *viver na verdade*, é preciso, antes de mais nada, detestar e destruir a mentira.

Nas histórias infantis aparecem meninos mentirosos a quem cresce o nariz quando dizem uma mentira. Ah! se nos crescesse o nariz quando mentimos, seria desnecessária a campanha de amor à verdade! Mas como o nariz nos fica do mesmo tamanho, temos de convencer-nos da fealdade do vício de mentir, que nos deforma interiormente e causa aos outros maior repulsa do que o faria um nariz disforme!

Temos de formar rectamente a nossa consciência e não considerarmos a mentira um *péché mignon*, sem importância, quase legítimo, e até, talvez, hábil qualidade!

Mentir é sempre feio e é sempre mal: seja mentir em palavras ou proceder sem sinceridade (há tantas modos de mentir!)

Queres conhecer toda a fealdade da mentira? Escuta as palavras duras e severas com que o doce Rabi descobre e castiga os que vivem fora da verdade: «Sepulcros branqueados! Raça de víboras! Malditos!»

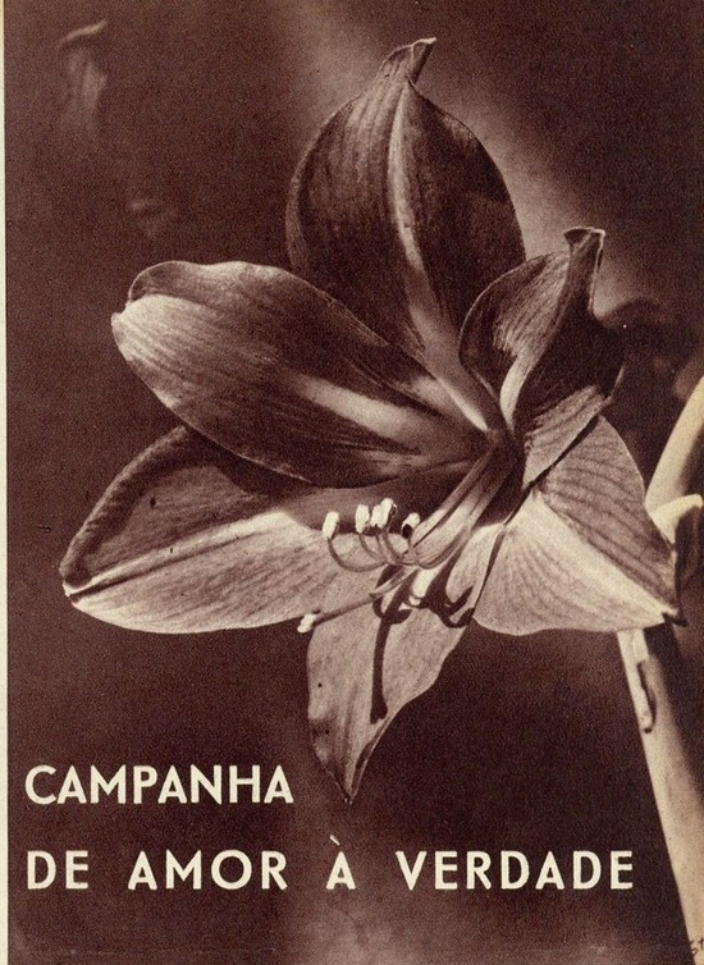
— Mas eu não sou hipócrita, eu não sou mentirosa! dirás tu.

«*Pas de mensonges, peu-être, mais de demi mensonges ou des quarts de mensonge...*»

Não será o teu caso?! E essas meias mentiras ou esses quartos de mentira bastam para fazer perder à tua alma de rapariga aquela transparência de cristal em que Deus se refecte.

Não és mentirosa; mas serás *verdadeira?*

São as tuas palavras *sim sim, não não?* Ou servem as tuas palavras para encobrir ou disfarçar a verdade?

Poderemos sempre acreditar-te, sem necessidade de juramentos, ou nem nos teus juramentos, nos podemos fiar?

Não és hipócrita; mas serás *sincera?*

Mostras-te sempre tal qual és, e nas tuas relações com outrem usas sempre de franqueza e lealdade?

Vives na verdade, falando como pensas e vivendo como falas?

Mentir é falar ao contrário do que se pensa. Mentir é enganar. E não se engana só por palavras: há atitudes e até silêncios que também enganam.

A mentira é uma deformação: corcunda de espírito...

A sinceridade é rectidão pessoal. E a rectidão é característica de personalidade.

Queres ser *alguém?*

Sê o que és: sem mentira, sem duplicidade, sem artifício, sem dissimulação.

Mas porque a verdade não admite nenhum destes veus, para que a tua alma possa aparecer na nudez pura da verdade, evita o mal e pratica o bem!

Maria Joana Mendes Leal

NOTICIAS DA M.P.F.

As filiadas do Centro n.º 71, Escola Industrial de Fonseca Benevides, foram num passeio ao Portinho da Arrábida, em Agosto passado.

«Partimos de Cacilhas às 8 h. da manhã. A' chegada ao Portinho, depois de tomado o pequeno almoço à sombra da barraca, ouvimos o sino de uma capela. Puzemo-nos a olhar para todos os lados, a ver se percebiamos donde vinha o som e descortinámos um telhado que parecia ser de uma capelinha. Trepámos imediatamente até meio da encosta e eis-nos em frente da capelinha que é muito pequenina mas muito linda, toda em talha dourada. Estava a missa no começo. Assistimos até ao fim e muito satisfeitas descemos à praia onde as Filiadas se deliciaram em variadas brincadeiras.

Almoçámos, fomos visitar a gruta de Santa Margarida e depois da merenda escalámos a Serra (é o termo justo, para tão grande altura e caminho tão pedregoso) até ao Convento que visitámos demoradamente, gozámos as sombras que ali há em abundancia e apreciámos o vastissimo panorama que dali se disfruta.

A' tarde descemos e metemo-nos na camioneta que a meio do caminho faz sempre uma paragem em frente de uma casa que fabrica deliciosos tortas com recheio de ovos moles: fruto proibido na nossa Capital!...

Todas provámos e a camioneta partiu novamente para Cacilhas onde chegámos cerca das 21 horas, transbordantes da alegria deste dia passado em agradável convivência, ao ar livre.

Neste passeio tomaram parte as filiadas que durante o ano mais dedicadas se mostraram pela M. P. F. e que, simultaneamente, obtiveram classificação elevada nos exames».

Fotografia tirada numa visita de estudo ao Museu de Castro Guimarães, em Cascais, seguido de um passeio à Boca do Inferno, das filiadas do mesmo Centro que durante o ano não deram uma única falta às actividades da M. P. F.

Espírito de verdade

Mostra-te tal qual és, sem simulação na conduta nem rodeios nas palavras. Não uses de duplicidade com Deus, nem contigo, nem com o próximo.

Confessa sincera, inteiramente os teus defeitos e as tuas fraquezas; confessa-os humilde e tranquilamente.

O principal é que o espírito seja recto e a vontade boa.

Estarás na verdade se seguires o exemplo d'Aquele que é a Verdade, que corresponde adequadamente à Ideia divina.

Não uses subtilezas de consciência, sob pena de te expores ao perigo de perder o sentido da rectidão.

Nada de afectação, tanto nas acções como nas palavras; doutro modo acabarás por te iludir a ti mesma.

Viver na verdade é ser perante Deus o que se deve ser.

Se viveres em conformidade com a norma suprema, com a lei, com a vontade de Deus, estarás na verdade; se te apartares disto, as tuas obras serão mentirosas.

Não procures justificar os teus defeitos de tal modo que procures impô-los como actos de virtude.

«NADA É BELO SENÃO A VERDADE, SÓ A VERDADE É AMÁVEL!»

Labruyère escreveu: «Se as mulheres fossem naturalmente o que se tornam por artifício, se perdessem num momento toda a frescura da pele e ficassem com o rosto avermelhado e embaciado como acontece com o rouge e os cosméticos com que se pintam, ficariam inconsolaveis».

Que grande verdade!

Senão, vejamos.

Que desolação seria a duma mulher a quem a doença fizesse cair as sobrancelhas! Mas com gôsto e... sacrifício arrancam-nas, ficando encantadas com a deslavada inexpressão do seu rosto!

Que desgôsto se um desastre lhes tornasse a boca desmedidamente grande e grosseiramente vermelha! Mas com o baton *fazem uma boca de sapo, de lábios esmagados e côr duvidosa, e sentem-se felicíssimas!*

Que arrelia se um trabalho caseiro lhes tingisse as unhas! Mas é moda! E as suas garras vermelhas encantam-nas!

Será então a mentira condição de beleza? E ter-se-á enganado o poeta quando disse que «nada é belo senão a verdade, que só a verdade é amável»?

Queridas raparigas! O poeta não se enganou. Vós é que andais iludidas!

Sêde naturais na vossa beleza — deixai as pinturas e artifícios para aquelas que avançadas já na idade querem fingir que ainda são novas! Vós tendes a beleza de vossa mocidade, a frescura dos botões de rosa. Não queirais parecer antes de tempo rosas fanadas!

«Só a verdade é amável»; se fordes verdadeiras raparigas, sereis dignas de ser amadas. O vosso mais belo rouge *será sempre aquele que Voltaire já enaltecia:*

> *«O pudor doce, inocente, infantil,*
> *Que colora as faces dum rubor divino».*

(Vide na pág. D. Idesbal Vau Iloutrive, O. S. B.)

RESTAURAÇÃO!

Evocação histórica em 2 Quadros

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

PERSONAGENS:

Mafalda (16 anos)
D. Luiza de Albuquerque
A Marquesa
D. Maria de Almeida
D. Josefa de Almeida
Dulce (18 anos)
Teresa (14 anos)
Justina, Fortunata (creadas)
Senhoras, Meninas
Músicos, creados

QUADRO I — Sala elegante de casa fidalga, em Novembro de 1640

Quando o pano sobe, a sala está vasia; ouvem-se falas e risos na sala visinha. Um creado, entra, trazendo um grande candelabro de muitas velas. Depois de o pousar sobre um tremó, sai, para repetir a cena. Passados alguns minutos, entram devagar, conversando: Marqueza, D. Maria, D. Josefa, e Mafalda.

MARQUESA *(confidencial, a D. Josefa)* — Ao certo não sei o que se passa, Josefa. Mas há, sem dúvida, agitação no ar...

D. JOSEFA *(encolhendo os ombros e sentando-se)* — Ora, Constança, há bons sessenta anos que isto dura: quem crê que as coisas mudem de feição?

D. MARIA *(com força, embora baixo)* — Não digais isso, mana, que até brada aos céus!

MARQUESA *(sentando-se)* — A minha cunhada, a nossa boa Luiza, tem, como sabeis, uma fé profunda em Nossa Senhora da Conceição...

MAFALDA *(comovida e pondo as mãos)* — A santa Imagem de Vila Viçosa!

D. MARIA — Diz-se que já muitas promessas estão feitas...

MARQUESA — Quando ouço a Luisa falar da certesa que tem de que Nossa Senhora há-de acudir nos, confesso que fico esperançada. E hoje mesmo me disse ela *(mais baixo)* que tudo se prepara...

MAFALDA *(com entusiasmo)* — Para correr com os castelhanos até aos confins da nossa terra!

D. JOSEFA *(indignada)* — Menina, que modos são esses?! Tenha tento no que diz, veja lá!

D. MARIA *(indulgente)* — Deixai-a falar, mana Josefa, que a Mafaldinha é das que têm uma brasa a queimar-lhe a alma! Não é assim, Mafalda?

MAFALDA *(comovida)* — Ah, minha tia, o que é o meu sentir quando penso na nossa pobre terra, nem sei dizê-lo... Ver a Pátria espésinhada, insultada, dominada por gente que não é portuguesa... *(cobre a cara com as mãos e chora).*

MARQUESA *(abraçando-a)* — Não te deixes exaltar, Mafalda; bem sabes que é impróprio de menina bem educada.

D. MARIA — Fosses tu um rapaz, Mafaldinha, bem eu sei o que farias...

D. JOSEFA *(desdenhosa)* — O que faria, o que faria! Tanto, ou tão pouco, como tem feito muita gente boa: deixar correr as coisas sem querer alterar o mundo. E é o que há a fazer: nem mais!

MAFALDA *(indignada)* — Por Deus, minha tia! Não falai assim!

D. MARIA — Mana Josefa, não posso dar-vos razão no que dizeis! Podemos, porventura, achar acertado, nós, portugueses livres, (como fomos sempre desde que a nossa terra foi fundada) que Portugal viva nesta opressão! A nossa querida Pátria empobrecida pelos impostos injustos! Ofendida e insultada a todo o momento! E agora, pior do que tudo, mana, quererem forçar os nossos homens a ir combater para a Catalunha!

MARQUESA *(baixo)* — Maria, tem cuidado...

D. MARIA *(acalmando)* — Tens razão, Constança, temos de ter tento no que dizemos. Mas como podemos resignar-nos a este estado de coisas?

MAFALDA *(intensa)* — Em Evora, há dois anos, lembrai-vos? Naquela revolta do Manuelinho...

D. JOSEFA *(cortando)* — Uma arruaça, menina, foi o que foi.

MAFALDA — Pois sim, minha tia, dai-lhe vós o nome de arruaça: mas muita gente boa se manifestou. E quem mo disse foi a mulher do almocreve, sabeis? Aquela mesma que nos vendeu a estopa de linho, e que é do Alentejo.

D. JOSEFA *(troçando)* — Com o que a menina vem, louvado seja Deus! Dar ouvidos às toleimas duma vendedeira e importância às acções dum louco!

MARQUESA *(pensativa)* — Seria esse homem deveras um louco? Basta gente o põe em dúvida...

MAFALDA *(com força)* — Sem juizo ou com ele, minha tia, o Manuelinho acendeu entre o povo um rastilho que se não apaga tão cedo...

D. JOSEFA *(bocejando)* — Ora, ora, menina, que gosto tem em se meter nas tragédias do povoléu! Deixe-se de complicações e enredos, e siga o seu viver como é dado a uma filha de familia que se preza. Conforme-se.

MAFALDA *(decidida)* — Desculpai-me, minha tia, se vos falto ao respeito; mas conformar-me, isso nunca!

MARQUESA — Mafalda, escuta-me: não estejas aqui a fazer-nos sala. Ai vem já a tua mãe. Vai falar e rir com a gente moça, como apraz à tua idade.

D. MARIA *(erguendo-se)* — Vou contigo. Mafalda. Não tardará que cheguem os músicos. *(D. Maria e Mafalda dirigem-se para a porta que deita para outra sala; param e ficam a olhar um momento.*

MARQUESA *(alto)* — Não é hoje, Mafaldinha, que as meninas vão ensaiar a nova Pavana da côrte espanhola?

MAFALDA — Não eu, tia Constança: só sei danças portuguesas!

D. JOSEFA *(zangada)* — Pois melhor faria a menina em aprender danças do que em meter-se a falar nas coisas do Reino. *(entram D. Luisa com senhoras e meninas. Conversam em grupos; as raparigas riem umas com as outras.*

D. LUISA *(baixo, à Marquesa)* — Estou preocupada, Constança: os nossos maridos e os primos Teles foram para a sala de jogo e estão falando baixo em grande mistério...

NARQUESA — Não te admires, Luisa; bem sabes que já pouco falta para...

D. LUISA *(suspirando)* — Cuidado com a nossa atitude, Constança .. Há olhos que nos observam, sabes? E, embora não estejam aqui pessoas estranhas à familia, entre os nossos parentes, nem todos pensam do mesmo modo, infelizmente.

MARQUESA — Ânimo, Luisa! Nossa Senhora nos dará a vitória. E eu tenho, por assim dizer, a certesa... que, mercê de Deus, no sàbado, dia 1...

D. MARIA *(baixo)* — Olhem que é mister aparentar-mos calma... *(Do grupo alegre e barulhento das meninas, Dulce aproxima-se da mãe).*

DULCE — Minha mãe, julgo que chegaram os músicos. Quereis que vamos formando os pares para a dança? Ou achais melhor que antes da Pavana se digam algumas poesias?

MENINAS — A dança! A dança!

D. MARIA — Pois era minha ideia que começassem pelos versos, e deixassem a Pavana para o fim!

D. LUISA — E' tambem essa a minha tenção. Alguma de vós, minhas filhas, saberá dizer versos de Luiz Vaz de Camões, um grande poeta que meu pai (que Deus tenha em Sua santa glória) ainda conheceu? *(As meninas olham umas para as outras).*

D. JOSEFA *(a D. Maria)* — Luiz Vaz de Camões? Não foi esse que morreu no tempo do Encoberto?

D. MARIA — Esse mesmo. E dizem que morreu à mingua de tudo, pobre dele!

D. LUISA *(às meninas)* — Então, meninas, nenhumas de vós se anima a recitar?

UMA MENINA *(baixo, a outra)* — Eu sei um rimance do tempo de Bernardim Ribeiro, mas... tenho vergonha.

MAFALDA *(de rijo)* — Minha mãe, a mana Dulce sabe uns versos muito lindos...

DULCE *(envergonhada)* — Oh, Mafalda, calai-vos!

MAFALDA *(rindo)* — Porque me hei-de calar? São versos desse tal, minha mãe, de quem vós falastes!

D. LUISA *(risonha)* — Então, Dulce, dize o que sabes, minha filha. Que nome têm esses versos?

DULCE — Li há pouco tempo, o soneto que Luiz Vaz escreveu para a nossa prima Catarina de Ataide, minha mãe; e é tão cheio de tristesa e tão lindo que não mais pude esquecê-lo!

MARQUESA *(convencida)* — Conheço esse soneto: é tão sentido...

D. LUISA — Começa, Dulce. *(Dulce avança para o meio da sala. Todos ficam atentos).*

DULCE —

«ALMA MINHA GENTIL QUE TE PARTISTE
«TÃO CEDO D'ESTA VIDA DESCONTENTE
«REPOUSA LÁ NO CEU ETERNAMENTE
«E VIVA EU CÀ NA TERRA SEMPRE TRISTE.

«SE LÁ NO ASSENTO ETHEREO ONDE SUBISTE
«MEMORIA D'ESTA VIDA SE CONSENTE
«NÃO TE ESQUEÇAS D'AQUELE AMOR ARDENTE
«QUE JÁ NOS OLHOS MEUS TÃO PURO VISTE!

«E SE VIRES QUE PODE MERECER-TE
«ALGUMA COISA A DÔR QUE ME FICOU
«DA MAGUA, SEM REMEDIO, DE PERDER-TE

«PEDE A DEUS, QUE TEUS ANOS ENCURTOU
«QUE TÃO CEDO DE CÁ ME LEVE A VER-TE
«QUÃO CEDO DE MEUS OLHOS TE LEVOU!»

(Muitas palmas e algumas meninas vão abraçar Dulce).

D. MARIA *(beijando-a)* — Comoveste o meu coração, Dulce! Como esse Camões amou a pobre Natércia!

D. JOSEFA *(azeda)* — Mas aos meus ouvidos chegou, se não estou em erro, que Luiz Vaz era dado a muitos amores: e houve mesmo quem dissesse que se atrevera a erguer os olhos para bem alto...

MARQUESA — Não faltaram invejosos do seu talento, é certo. E quem soube, jàmais, escrever versos como ele?

D. LUISA *(levantando-se)* — Se vos apraz, meninas, vão formando os vossos pares para a Pavana.

D. JOSEFA *(admirada)* — Então os pares são só de meninas?! Nunca tal vi, Luiza!

D. LUISA *(rindo)* — Isto hoje é uma espécie de ensaio, Josefa. Mafalda, manda entrar os músicos, minha filha. Dulce, chama os escudeiros para virem arrumar as cadeiras. *(Dulce e Mafalda saem. Entram dois escudeiros que dispõem, dum lado, as cadeiras dos músicos. Mafalda e Dulce voltaram e formam os pares para a dança. Entram os músicos e começam a tocar. As meninas riem alto até começar a Pavana que dançam com elegância. No último compasso da música, o pano desce, devagarinho).*

FIM DO QUADRO I

QUADRO II — E' o dia 1 de Dezembro de 1640

Uma câmara rica. Um oratório grande à direita, tendo a Imagem de Nossa Senhora da Conceição. Genuflexório. Manhã clara. D. Luisa está ajoelhada diante do oratório. Dulce, em pé a seu lado, resa o terço; Mafalda está junto à janela, parecendo escutar. Teresa ajoelhou-se no chão, ao pé da mãe. Silêncio... Passam uns minutos.

D. LUISA *(levantando-se e abraçando as filhas)* — Filhas minhas, Nossa Senhora da Conceição ouviu as minhas preces: sinto-o no meu coração!

MAFALDA *(excitada)* — Porque dizeis isso hoje, minha mãe? O que se passa?

DULCE *(admirada)* — E como podeis saber que Nossa Senhora vos ouviu?

D. LUISA *(sorrindo)* — Sinto-o, Dulce; nada mais posso explicar...

TERESA *(abraçada à mãe)* — Há coisas que a nossa alma sente, mana Dulce, sem saber dar a razão delas!

D. LUISA *(afagando-lhe a cabeça)* — Falas com acerto, Teresinha, a despeito dos teus poucos anos. E eu creio... *(batem à porta com força; e ouvem-se dar, lentamente, nove badaladas na torre da Sé).*

JUSTINA *(entrando a correr)* — Senhora D. Luisa, minha Senhora...

D. LUISA *(severa)* — Que quere isto dizer, Justina? Entraste sem licença!

JUSTINA *(nervosa)* — Perdoai, minha Senhora, mas... trago novas... *(as tres meninas chegam-se à ela).*

(Continua na pág. 16)

Modas

Este ano, minhas amigas, a moda reserva-lhes uma surpreza!

Digo? Não digo!? Adivinhem.

A moda este ano exige, (ouviram?) exige da rapariga elegante que use as saias 7 centímetros abaixo do joelho. — Será possível!? — É. — E dentro em breve quem ousar mostrar a rótula do joelho é considerada muito fora de moda, provinciana, atrazada, e, di-lo-emos? indecente. Sim, minhas meninas, a moda vai conseguir das multidões femininas o que a decência, a moral, o frio, os defeitos físicos, a Acção Católica, os Pais, as Mães e alguns maridos não conseguiram nunca. Vai conseguir que a mulher pareça mais digna, recatada, e feminina. Vai portanto a mulher *ganhar* com esta moda embora de princípio todas as raparigas que se julgam janotas tenham um gesto de recuo e pensem que nunca terão coragem de usar saias *tão pingonas*.

Mas a moda é como todas as modas; acha-se linda na ocasião porque é moda, e pronto. Para que todas fiquem elegantes este inverno vamos dar mais alguns detalhes.

Os ombros não se usam tão enchumaçados, sobretudo os dos vestidos. As mangas são amplas e muitas de ombros «raglants».

As saias, preguiadas ou franzidas, algumas em forma.

As cinturas, de *vespa;* isto é, muito cingidas.

Outro tipo de vestido surgiu totalmente diferente. Esguio, travado; muito simples; quase sempre abotoado de lado, ou antes traçado, e algumas vezes com franzidos só num lado.

Continuam-se a usar côres opostas ou combinadas, tom sobre tom, o que se torna muito prático para aproveitamentos de vestidos do ano passado em arranjos engraçados.

Usam-se todos os tons de castanho, côr de vinho, «beije» e verde. Preto, como de costume, no inverno, mas este é sobretudo para as senhoras. Agora o problema mais urgente é deitar abaixo a bainha dos vestidos. — M. B.

1 e 2 — Costumes dos Açores 1

Cartas de S. Miguel

Furnas, 18 de Agosto 1946

Meu querido Pai

Não me consolo de não se encherem de coragem para cá virem gosar esta perfeição de beleza «transbordante», *que é demais só para nós!*

Eu tanto hei-de dizer que o Pai um dia resolve-se! A avó, com 88 anos, empreendia estas viagens como quem vai a Sintra! E se de aqui por diante ela se fizer em 5 horas! Ninguém tem o pretexto bom *para não vir! Gosto imenso de aqui estar. Descanso como há anos não conseguia fazer!*

Afinal não foi ontem a inauguração do casino, que esteve estes anos de guerra requisitado e usado para quartel de soldados.

Fomos há dias assistir a uma «missa nova» de um rapaz da «Povoação» que o A. acabou de formar. O Tio Guilherme começou, e quando ele morreu o seminarista veio ter com o A. pedindo-lhe que não o deixasse ficar com a sua carreira cortada e vocação perdida.

(Temos mais 2 futuros padres a estudar no seminário, mas esses ajudamos desde o principio e ainda são pequenos.) No dia 11, lá fomos, com verdadeira alegria, assistir à missa nova do Padre António Vieira(!!!) (que coincidência!)

O A. foi um dos padrinhos, e a cerimónia foi bonita e comovedora.

Reuniram-se os convidados, primeiro em casa dos Pais do Padre que são humildes mas parecem muito sãos e bons. Dali o Padre foi a pé para a igreja entre o seu Pai e a sua Mãe, seguido por muitos amigos e pessoas que queriam assistir à missa nova e formavam um grande cortejo atrás. A igreja que é grande ficou cheia de gente. Estava o altar carregado de rosas. O A. e o outro Padrinho (Padre) ficaram mesmo ao lado do altar, e o A. levou ao Padre o jarro e bacia de prata na altura das abluções. A missa cantada e «Te Deum», duraram 9 horas, com a igreja a escaldar de calor e de gente!...

Apesar disso gostei muito, e a A, tambem. Sentimo-nos felizes, com a felicidade santa daquela familia; e o novo sacerdote pareceu-me muito espiritual e compenetrado da sua alta missão e responsabilidade.

Quando no fim das cerimónias, o novo Padre deu, como é costume, a beijar as suas mãos, que pela primeira vez tinham consagrado a hóstia e o cálix, não poude deixar de chorar. Todos estavam comovidos. A Mãe ajoelhou para lhe beijar as mãos, mas não se conteve de o abraçar com muitos beijos e lágrimas. Na volta para casa formou-se de novo o cortejo, na mesma ordem, mas desta vez caminhavamos debaixo de uma chuva de flores, que de todas as janelas atiravam. O pequeno, que a tudo assistiu com o maior juizo, perguntava-me: «Oh Mãe, mas porque é que me estão atirar tantas flores?» — Coitado, com a maravilhosa naturalidade das crianças, tomava para si tanta imerecida homenagem; lá lhe expliquei. Esperavam-nos para compartilharmos do banquete (às 4½ h.) mas não pudemos aceitar; na verdade o pequeno estava extenuado!

Agora, à hora a que lhe escrevo, o pequeno dorme do meu lado, descançado e descuidado no abandono completo do dormir de criança...

Sua filha muito amiga G

CAMARADAGEM

REGRESSO DE FÉRIAS

—Oh! que maçada! Para que servirá estudar mineralogia, não me dirão? *Hèmatite, volframite*, pedras brutas e estúpidas!

Como de costume, Madalena saía da aula a protestar ou a resingar.

Lá estava ela no grupo das do 5.º ano, com a sua cara redonda e córada, a boca vermelha e toda ela tão demasiadamente exuberante que ninguém diria, ao ouvi-la falar num timbre de voz cheio de sonoridade ser aquela alma uma repetente do 5.º ano.

Maria Antónia chamou-a de parte. Maria Antónia, depois de ter voltado das férias do Natal, parecia mais sisuda, mas era tão gracioso o seu arzinho de menina tranquila, ficava-lhe tão bem o vestido azul escuro com o laço xadrez, rematando à frente a golazinha branca, tão escrupulosamente branca que, depois dela ter despido a bata no vestuário, Madalena ficou a olhá-la como se tivesse reparado na sua condiscípula pela primeira vez. Mas, numa dessas bruscas reviravoltas em que Madalena era hábil, a sua admiração transformou-se ràpidamente em sobressalto.

— Que me queres? Parece que tens a propriedade de me deitares baldes de água fria quando estou bem disposta.

— Não te disse nada — respondeu Maria Antónia docemente — apenas te chamei, podia ser que quisesses sair comigo.

— Olha, explica-me cá. Porque me passaste aquele papelinho durante a aula? Foste apanhada e foi muito bem feito. Eu farto-me de passar bilhetes e nunca me apanham e tu ias estragando a tua fama de menina bonita. Não percebes nada dessas aventuras! É sempre assim; as pessoas sérias, quando se querem meter em aventuras, fazem fiasco!

Dizendo isto com a máxima desenvoltura, Madalena rematou com uma gargalhada.

Foi ao vestiário e, antes de tirar a bata, ajustou o cinto ao corpo, que não era muito delgado.

— Vês? Olha para a minha cintura! Não chega a ter três palmos. Este ano os vestidos vão *marcar* as cinturas e eu posso bem fazê-lo, não achas?

Enquanto a frívola Madalena trocava a bata pelo casaco de abafar, Maria Antónia, lentamente, fôra sentar-se num banco, à espera. Batia com os pés no chão para os aquecer e esfregava as mãos arroxeadas uma na outra, sem responder à pergunta de Madalena que, irritada, procurava aflitivamente qualquer coisa dentro da pasta:

— Bolas! Onde teria eu posto o pente, empresta-me o teu?

— Pentelas te depois de ter vestido o casaco?

— Estás sempre a reparar naquilo que os outros fazem!

— Como, reparar? — perguntou cheia de pasmo a Maria Antónia — É porque te vai sujar a gola, ninguém pode gostar de ter a gola suja de cabelos!

— E'-me indiferente.

— Madalena! Não te posso ouvir dizer isso assim dessa maneira fria, como não te posso ouvir dizer outras coisas. Vamos andando?

Encaminharam-se para a saída. Chovia, uma chuva miudinha de Janeiro, daquela que se «é boa para o pão, não é má para o gado»...

Maria Antónia abriu o guarda-chuva com um gesto feliz;

— A nossa ama foi bem prudente em me ter metido á força a sombrinha debaixo do braço. E' um objecto antipático ao máximo, quando não chove!

Maria Antónia deu o braço a Madalena e começaram ambas a andar, chapinhando tchap, tchap nas pocinhas do empedrado.

— Vou levar-te a casa, primeiro — dizia ela para a vizinha daquele tecto improvizado — Não protestes! Que diferença me faz andar um bocadinho mais? — E sorriu, como sabem sorrir as pessoas bondosas e persuasivas.

— Palavra de honra, és estupenda! Tenho vontade de me pôr em adoração diante de ti! Não me achas malcreadíssima, desordenada, péssima?

— Perguntas-me a mim? Oh! não sei de todo! Como hei-de eu responder-te: sim, senhora, és péssima, se no meu intimo sou tua amiga? Se fôsses pèssima, creio que não podia gostar de ti, mas justamente porque gosto, compreendes, é que te digo às vezes certas coisas massadoras.

— O' Antoninha! Podes dizer-me tudo, acredita que te falo do coração. .

— Não sei se posso. Primeiro tu és mais velha, depois tens um feitio alegre, género brincalhão. Se há coisas que me chocam, podem não chocar outras pessoas.

— Dize lá, estou pronta a ouvir-te como te ouvem os teus irmãozitos.

Madalena apertou o braço da sua amiga.

— Queres que te diga porque te ia a passar há bocado o bilhetinho na aula de ciências? E' porque... — Maria Antónia calou-se um segundo como se lhe custasse lembrar aquele acto — é porque... tu fazias-nos caretas tão cómicas, enquanto a professora explicava como distinguir os minerais e seus jazigos, que eu tinha a certeza tu não escutavas nada, nem deixavas as outras prestar atenção...

— Se te parece! Uma porcaria daquelas, umas pedras ferrugentas... fazerem um espavento por causa do volfrâmio! Nunca vi nada menos atraente, menos vistoso, menos animador! E foi por causa dos meus comentários que tu ias sendo castigada, quando a professora te apanhou o bilhete? O' rica Santa Antónia, deixa-me levar-te a sombrinha, mereces pálio!

— Não digas heresias, cala-te! Não foi só por ti, eu dizia-te no bilhete: «És pouco bondosa!»

— Que tem a bondade para aí? Se me dissesses «tu chumbas outra vez este ano», vá, o prejuízo é só meu. Vou apanhar trapo!

— Enganas-te, Madalena! Sais das aulas sempre a injuriar a Botânica, a Fisica ..

— Calamidade! Insultar o fenómeno da água a ferver! Se eu fôr explicar à minha cozinheira, que nunca na sua vida estudou fisica, que a água ferve transformando-se em vapor e, desde que falte o aquecimento, o vapor transforma-se novamente no estado liquido, ela farta-se de rir da minha ciência.

— Se a tua cozinheira rir e lá na tua casa rires também de todos os fenómenos, se te enfureceres mesmo contra as sebentas não farás mal senão a ti própria, mas ali no liceu, Madalena, é diferente. São muitas raparigas a ouvir-te e as mais fracas imitam-te, as mais fortes desclassificam-te.

Madalena estremeceu. A cólera afogueou-lhe o rosto. Largou o braço da sua amiga num gesto brusco e pôs-se a caminhar ràpidamente sem olhar para a Maria Antónia, que a chamava e corria atrás dela, como o anjo da guarda corre atrás do pecador.

— Madalena! Madalena! Ouve!

O barulho da rua abafava-lhe a voz. Maria Antónia sentia-se desastrada. Podia ter dito tudo aquilo doutra maneira. Agora, só um esforço mais e alcançaria a sua companheira. Arriscou-se a dizer:

— Por minha causa, chegas a casa toda molhada, pobre Madalena, e só por minha culpa!

— Por tua culpa? Quem me manda a mim ser uma burrinha aos pinotes? — Os olhos de Madalena brilhavam como se viesse de ter uma luta consigo própria. Depois, deixou prender outra vez o braço, curvou a cabeça como se fôsse para a meter debaixo do guarda-chuva.

— Coragem, Madalena! Não sabes ainda a história da Ermelinda, pois não?

— A Ermelinda? Sim, tem a mãe doente e não pode vir às aulas, que tem isso connosco?

— Lembrou-me agora, porque penso muito nela. Costumava ser a primeira em tudo, sôfrega por se instruir e depois tão delicada e humilde! Talvez nunca reparasses bem nela apesar de virmos quase sempre juntas para o liceu.

Madalena sentiu uma pequena beliscadura no seu amor próprio e tomou atitude mais desanuviada.

— A Lourdes nem percebe como tu te metes constantemente em casa da familia dum policia!

— Porque não? Fico tal qual quem sou, olhando por eles. Merecem não se deixarem por ali, entregues ao desânimo que lhes pode trazer maus pensamentos contra Nosso Senhor, não achas? Coitados, uma coisa daquelas! Imagina lá! A mãe no hospital sabe Deus ate quando, se a doença tiver cura! O pai no seu trabalho, às vezes está de guarda toda a noite, talvez a pensar na sua triste vida, nas filhas sòzinhas em casa, a vida cara e as duas pequenas, a Ermelinda principalmente,

(*Continua na página 16*)

UM QUADRO DE BOTTICELLI

PERANTE o juiz, é arrastado como criminoso um homem ainda jovem. Nu, desarmado, jaz no chão impotente, mas as suas mãos erguidas apelam para Deus. Está inocente!

A *Ignorância* e a *Desconfiança*, figuradas por duas mulheres, segredam acusações aos ouvidos do juiz.

Em frente, a *Inveja*, vagabundo de rosto selvagem, vestido de peles de animais, um capuz enfiado na cabeça, estende para o juiz o braço acusador.

A *Calúnia* com uma das mãos segura a vítima, e na outra empunha o facho com que propaga o incêndio da mentira. A *Astúcia* e a *Ilusão* que a ajudam na sua perversa tarefa, coroam-na de pérolas e flores.

Perto ronda o *Remorso*, envolto em negro manto e torcendo as mãos de dor e desespero.

Isolada, a *Verdade*, nua, branca, aponta para o céu onde está Deus que tudo sabe e tudo vê...

Grande lição nos dá o Artista! Medita-a.

Não julgues ninguém dando ouvidos à *Ignorância* e à *Desconfiança*, à *Inveja*, à *Astúcia* e à *Ilusão*: todas elas trabalham a favor da *Calúnia!*

Caluniar é acusar alguém dum defeito que não tem ou duma falta que não cometeu.

É uma mentira, uma injustiça e uma crueldade.

Tem cautela! não dês entrada na tua alma ao *Remorso*, permitindo que os teus defeitos e paixões desprezem ou ataquem a *Verdade!*

Lembra-te que diante de Deus a *Verdade* se mantém pura e radiosa! E o supremo Juis é Deus! Ele te julgará também um dia...

A mentira é sempre filha de algum defeito.

Porque mentes? Por vaidade? Por ciumes? Por malquerença? Por cobardia? Por falta de rectidão pessoal?

Responde com verdade a ti mesma.

Para Ler ao Serão

GENTE NOVA

III

O baile corria com brilhantismo e animação; e para isso concorria tambem o optimo sexteto, do qual fazia parte, vestida de «faille» preta, Maria de Lourdes.

Numa sala mais intima, descançando da dança, conversavam, em grupo, raparigas e rapazes.

— A Lourdes lá se resolveu a vir; ainda bem! — declarou Alicinha, que debutava neste baile e gosava intensamente.

— O que me aborrece é a Mãe ter-me proibido de lhe falar. E não sei porquê.

— Patêtinha! — respondeu Isabel.

— Então não compreendes que a Lourdes já não é do nosso meio?

Alicinha còrou e perguntou:

— Ela fez alguma coisa mal feita?

— Não se trata disso — disse Adelaide.

— A Lourdes mudou de classe — explicou um dos rapazes, soprando para o ar uma baforada de fumo azulado.

— Que tenho eu com isso? — tornou Alicinha, zangada. — Para mim a Lourdes é sempre a mesma pessoa; quer toque no sexteto, quer nos ofereça chás e festas na sua linda casa!

— E se fossemos todas falar-lhe? — lembrou Rosa. — Vamos lá agora, sim?

— E' um escândalo, simplesmente — opinou João, sentado no outro extremo da sala a fumar.

— Ah você... — tornou Alicinha, olhando-o com antipatia.

Mas a música recomeçara. E, agora, era uma valsa lenta, linda, à qual ninguem resistiu no alegre grupo.

Quando Maria de Lourdes entrou em casa era madrugada alta.

Deitou-se depressa e dormiu as poucas horas que faltavam até ao almoço da mãe, que ela sempre levava à sua cama.

— Então, teimaste: mas deves ter sofrido vèxames das tuas amigas — disse D. Mécia, mal humorada.

— As amigas? Nem as vi, Mãe. Pareceu-me, sim, que era a adoravel Alicinha uma rapariga de branco que me sorriu de longe: mas nem disso tenho a certeza.

— Não tens brio; nãs tens dignidade — concluiu a mãe, irritada.

E Maria de Lourdes saiu, desalentada, seguindo a pé para o seu emprêgo.

Ia a entrar a porta do escritório quando, quase, esbarrou num homem que lhe agarrou um braço e exclamou, com um riso de felicidade:

— Lourdes! Lourdes!

Maria de Lourdes, assustada, olhou a fisionomia risonha que a envolvia toda com não dissimulada ternura.

— Tu, Joaquim! — murmurou, admirada.

— Vou entrar contigo — disse o rapaz, enfiando no seu o braço da prima.

— Sabes? já falei com os donos do escritório: têm por ti uma destas considerações!

Maria de Lourdes sorriu; e os dois primos entraram no escritório.

— Sr.ª D. Maria — disse o sócio mais velho — esteja à sua vontade a conversar com o seu parente que não vê há dois anos; deixe o trabalho para mais tarde.

— Muito obrigada, sr. Moreira; mas, se dá licença, o meu primo espera um bocadinho e eu separo a correspondência.

— Como estás mudada, Lourdes — disse Joaquim, sentando-se ao lado da secretária — a crueldade da vida deu-te outra expressão...

— Não me sinto infeliz, Joaquim. E como gosto de trabalhar... Olha que talvez já me custasse viver sem fazer nada de util!

— E a Tia como tomou isto tudo?

— Mal, coitadinha; não se resigna e não me compreende... Queres tu ir lá hoje e jantar comnosco? Partilhas as «magras sopas», é o caso!

— Achas que não é abuso? Tenho tanto que te dizer, Lourdes...

— Então, lá te esperamos, Joaquim.

Foi um jantar quase animado, aquele! Havia tanto que contar...

E quando Joaquim saiu, já depois das onze horas, Maria de Lourdes pediu-lhe que voltasse breve.

— Vem, vem — insistiu D. Mécia, anstando por alguma distracção — até podias vir todos os sábados.

— Não sei se as aborrecerei... — murmurou Joaquim.

— Não és tu o meu único irmão. Quim? — retorquiu Maria de Lourdes, sorrindo.

E Joaquim começou a vir todos os sábados.

Que bons serões ali passava entre as duas senhoras! A própria D. Mécia parecia suavisar o seu feitio azedo. Maria de Lourdes, às vezes, tocava no seu belo piano de meia cauda, que nunca se decidira a vender; e nada perdera da sua técnica, nem do singular encanto com que sempre tocara.

Joaquim, que desde pequenino tivera pela prima um amor profundo, cada vez se sentia mais preso... Mas não se atrevia a falar, receiando que Maria de Lourdes quizesse acabar com aqueles sábados que eram a sua maior felicidade.

E pensava, olhando-a com ternura:

— Como ela é linda, inteligente e boa! Nunca se impacienta com a mãe, tão ingrata, tão injusta... Nunca sente a menor revolta contra as infelicidades da sua vida... Cumpre o seu dever, absolutamente, simplesmente, alegremente, quase! E como é profundamente cristã, no alto sentido dessa palavra, aceitou a sua Cruz, beijando-A...

— E quanto tempo tens tu para cá estar? — perguntou Maria de Lourdes, num desses calmos serões.

— Ainda muitos meses, felizmente. Mas não me sobeja o tempo para certas resoluções que tenho de tomar — acrescentou, olhando a prima com um sorriso.

Maria de Lourdes, sem compreender o sentido daquelas palavras, sentiu-se vagamente comovida...

— E não tencionas casar? — perguntou D. Mécia. — Não faltam raparigas ricas na sociedade.

— Não procuro riqueza, minha Tia; basta-me o meu soldo. E se a rapariga de quem gosto me quizer... — e Joaquim calou-se.

Maria de Lourdes, irresistivelmente levantou os olhos da costura; e viu o olhar de Joaquim tão cheio de dedicação e ternura que não poude impedir os seus lábios de dizerem, baixinho: — Oh Joaquim...

Então ele levantou-se, de repente; pegou na mão da prima e, beijando-a apaixonadamente, dirigiu-se a D. Mécia:

— Minha Tia, dá-me a Lourdes?

Maria de Lourdes levantara-se tambem; e encostando a cabeça sobre o ombro de Joaquim deixou correr pelas faces as lágrimas em fio: as primeiras lágrimas de felicidade que chorava desde a morte do pai.

D. Mécia, porém, colhida de surpresa, exclamou, com azedume:

— Que brincadeira é esta?! Vocês estão a caçoar comigo. A Lourdes não é menina casadoira; tem mais em que pensar. Não tem dinheiro, nem enxoval, nem tempo para o fazer, nem ela pensa nisso. E eu? Que fazem de mim? Terei d'ir para um asilo?

Ao ouvir esta explosão de acrimonia, a pobre Maria de Lourdes caiu em si.

— Tem razão a Mãe, Joaquim. A minha vida não é o casamento; sou um homem de trabalho. E não posso deixar a Mãe...

Mas Joaquim apertou, com mais força, a mão pequenina de Maria de Lourdes.

— Não caso senão contigo; e tudo isso se ha-de combinar a seu tempo.

— Tenha paciência, minha Tia: amanhã vem o meu Pae falar consigo.

E Joaquim saiu, risonho, depois de beijar com fervor a mão da prima.

Maria de Lourdes, apesar do mau humor da Mãe, sentia o coração trasbordar-lhe de alegria... E nessa noite dormiu dum sono calmo até à manhã seguinte.

IV

No dia seguinte, de facto, veiu o Comandante António de Castro pedir oficialmente para seu filho a mão da sobrinha a D. Mécia; e a impertinente senhora rendera-se às razões lógicas do seu primo. Joaquim e Maria de Lourdes ficaram noivos. Uma tarde, pouco depois de chegar do escritório onde tivera um dia cheio de trabalho, sentada na única poltrona da saleta, Maria de Lourdes ouviu um toque de campainha e uma voz de homem discutindo com a criadita. Não era a voz de Joaquim; e àquela hora da tarde não costumavam vir fornecedores. Felizmente D. Mecia dormitava no seu quarto.

O que seria?

Ouviu a criadita, dizer num tom impaciente:

— Já lhe disse que não; o senhor é mouco? Apre, que é teimoso!

Maria de Lourdes chamou-a. Mas antes que a rapariga obedecesse ao seu chamamento viu assomar à porta da saleta um homem alto e elegante que a principio, não reconheceu.

Estava tão longe de esperar aquela visita...

— Sou eu, Lourdes — disse a voz grave de João, o seu antigo noivo.

— Que quer nesta casa, João? — perguntou a rapariga, levantando-se.

— Preciso falar consigo; e peço-lhe que me ouça.

— Não julgo que possamos ter nada que dizer um ao outro, João: não demore a sua visita.

— Desde que a vi no baile do Grémio, Lourdes, desde essa noite, que...

— Já não me interessa a sua vida João; e prefiro que nada me diga.

— Peço-lhe que me ouça, Lourdes...

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

— Disseram-me que estava noivo. E' verdade?

— E' e não é: um noivado fàcilmente se quebra.

— Sim, você acha nisso facilidade.

— Não seja má, Lourdes; escute-me com indulgência, se não fôr com outro sentimento...

— Não o entendo; e confesso-lhe que nada me agrada a sua visita.

— Pois venho fazer-lhe uma confissão bem grave, Lourdes.

— Seja lacónico, então; é o que lhe peço.

— Estou noivo ainda, é certo; e quero crer que me fará a justiça de pensar que não foi o amor que me levou a pedir a pobre Celeste Marques em casamento.

— Não se envergonha do que está dizendo?

— O amor, esse, era em si que eu o tinha encontrado e era por si, Lourdes, que eu o tinha!

— Mas...

— Ouça, ouça. Bem sei que andei mal. Bem sei. O dinheiro fazia-me tanta falta... Não podia viver sem êle. Mas hoje sinto o coração cheio de si, Lourdes; não posso esquecê-la nunca mais. E...

— Vá-se, João; e não torne a entrar nesta casa.

— Sabe que fui nomeado para o Banco Ultramarino? E com a morte de minha tia Vila Nova estou rico.

— Vá-se, João; não quero ouvi-lo mais.

D. Mécia, encostada à sua bengala, entrou.

— Ah, joão, muito gosto de o ver, depois de tanto tempo. Sente-se um bocadinho.

Maria de Lourdes interveiu, sêcamente:

— O João ia-se já embora, Mãe. Vinha participar-me o seu próximo casamento.

— Não é bem assim, minha Senhora — tornou João — Vinha pedir a sua filha que esquecesse o nosso arrufo e tornasse a considerar-me o seu noivo.

— Olhe, é pena que não viesse há mais tempo. Ela agora — respondeu D. Mécia — já se decidiu pelo Joaquim.

— Está noiva do seu primo? — perguntou João, dirigindo-se à antiga noiva.

— Estou; e descobri que é a primeira vez que sei o que é gostar de um homem! — respondeu Maria de Lourdes, encarando-o.

— Está bem vingada, Lourdes — disse João — Adeus...

CARTA ÁS RAPARIGAS

Queridas Amiguinhas:

Estamos em Novembro: bem perto do Natal! Não deixem para tarde a campanha cristã, a alegria da vinda de Jesus a irradiar... Não deixem, em torno de vós, vencer o egoismo, a indiferença, o comodismo, a preguiça, a irrelisiosidade: se têm a felicidade enorme de ser *cristãs*, espalhem essa felicidade às mãos cheias! Dêem-na a conhecer, expliquem-na a quem a não sente, para que todos, perto de vós, se alegrem convôsco.

Bem unidas, todas vós, organizem a maneira de *dar alegria* aos que não, têm; façam a divisão do trabalho, revezem-se umas com as outras nas visitas aos pobres, nos cânticos a executar, nos fatos a distribuir, nas consoadas a preparar. E assim, só assim, terão o Natal mais feliz que possa conceber-se, queridas raparigas portuguesas, cujos corações sabem vibrar para tudo o que é Bom e Belo!

Maria Paula de Azevedo

CONVERSAS

— Sabes que a Carmo pediu ao Pai para marcar ela mesma o assunto de hoje? — disse Angélica, a rir, a Alexandra.

— O que sairá daquela cabeça tonta... — respondeu Alexandra.

— Vocês exag'eram — disse Berta — ignorante é, coitada, tudo são novidades para ela. Mas o querer instruir-se... já vale muito.

E quando todos estavam reunidos, prontos para saborear o almoço dirigido por Angélica, Maria do Carmo disse:

A conversa de hoje é escolhida por mim: é sobre as *Cruzadas*!

Todas se entreolharam, admiradas.

— Escolheste bem, Carminho: o assunto é cheio de interêsse — aprovou o dr. Menezes Pinto.

— Mas como te lembraste dêle, tu que tão pouco sabes de História?!

— Aqui há coisa... — murmurou Berta, vendo Maria do Carmo, còrada, olhar para Mademoiselle Sixte.

Então a boa senhora, risonha e prazenteira, disse:

— Sim, Berthe, aqui há coisa, como tu dizes: é que eu estar a entusiasmar Carmita com o estudo da História! E ela se interessa mesmo pela «Moyen Age» — acrescentou.

— Uma época de absoluta escuridão, afinal — disse Luisa.

Vozes indignadas exclamaram:

— Escuridão?! Que ideia é essa, Luisa? Nem todos são dessa opinião...

E o dr. Meneses Pinto observou:

— Há muito quem o pense, é verdade; mas é uma lenda que, pouco a pouco, se vai esclarecendo e destruindo.

Depois da terrível invasão dos Bárbaros, fazendo ruir o poderoso Império Romano...

— Em 476 — opinou Maria do Carmo, satisfeita.

— ...deve ter-se seguido uma epoca de verdadeiro e triste abatimento — disse Berta — e quantos anos durou essa época da infiltração dos povos bárbaros?...

— Uns tres ou quatro séculos — declarou Angélica.

— Depois, com a fundação dos Mosteiros, onde os monges se dedicavam ao estudo, à arte, à ciência...

— O de Monte Cassino, no século V, foi o primeiro, fundado por S. Bento — disse Alexandra.

— E enquanto os monges estudavam, os guerreiros batalhavam e o povo trabalhava a terra, semeando-a... — disse Berta.

— Construiram-se grandes castelos — acudiu Maria do Carmo — e os senhores deles aí viviam como reis, mandando no povo como em seus vassalos.

— Organizava-se, assim, o *Feudalismo*.

— E os Cristãos começavam a pensar na conquista do túmulo de Nosso Senhor aos infiéis — tornou Maria do Carmo — A primeira vez que se pensou nisso foi em França: um homenzinho chamado *Pedro-o-Ermita* montado numa mula percorria montes e vales com um Crucifixo na mão, gritando: *Deus o quer!*

— Ainda nesse ano se não realizou a primeira Cruzada — disse Maria do Rosário.

— Mas foi no ano seguinte, em 1096 — continuou Maria do Carmo — sendo Papa Urbano II, que era francês.

— Eu não disse que o desejo de intruir-se vale muito? — murmurou Berta às irmãs.

— Formidável! — respondeu Angélica, baixo.

— E quem se notabilizou nas Cruzadas? — perguntou o Dr. Menezes a Maria do Carmo — Tambem o sabes?

Maria do Carmo respondeu, com segurança:

— Gósto imenso das Cruzadas; por isso fixei. Na 1.ª foi *Godefroy de Bouillon*, feito rei de Jerusalem. E nas outras entraram imensos reis: Filipe Augusto, Ricardo Coração de Leão, Frederico Barbaruiva, Luís IX...

— Esse, coitado, lá morreu na nona e última Cruzada: vitima de sua santidade, tratando doentes, apanhando a lepra...

— Afinal vocês indignaram-se comigo porque chamei *escuridão* à Idade Média; mas nada disseram em contrário — declarou Luisa.

— Na verdade, Luisa, se para ver brilhar estrelas é preciso estar na escuridão, então há um fundo de verdade na tua opinião — disse Angélica — Pois que luz mais brilhante haverá do que a figura estupenda de Carlos Magno?

— E o nosso Santo António? E S. Francisco de Assis? E S. Domingos?

— E os Cavaleiros medievais personificando a Lealdade, a Coragem, a Abnegação?

— E a Arte gótica que fez nascer as Catedrais maravilhosas, com as suas naves em ogiva?

— E os vitrais incomparáveis?

— Foram dez séculos em que se perdeu o brilho da civilização romana; mas, que luzes espirituais nasceram então... E essas luzes foram tão vivas e tão fortes que jamais podem apagar-se na História. — concluiu o dr. Menezes Pinto, enquanto todos se serviam do apetitoso pudim de laranja, que era a especialidade de Angélica.

RESTAURAÇÃO!

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 9)

D. LUISA *(grave)* — Dize o que tens a dizer.

JUSTINA *(excitada)* — O Miguel do sr. Conde, minha Senhora, passou na rua a correr, e chegou-se ao pé da senhora Eufémia e segredou-lhe: «é hoje, tia Eufémia, é hoje!»

D. LUISA *(aborrecida)* — Loucuras, Justina. Vai prestes para o teu serviço e deixa-te de contos. *(sai Justina).*

MAFALDA — Não são loucuras, minha mãe, vós bem o sabeis! Porque rasão não quereis dizer-nos o que há?

TERESA *(pensativa)* — E porque sairiam tão de manhãsinha o pai e os manos?

DULCE — A menina ouviu-os sair?!

TERESA — Ouvi, sim, e fui ao patamar; até o mano Diogo me deu um beijo na testa e correu pela escada abaixo sem me dar tempo a que eu perguntasse aonde ia.

D. LUISA *(grave e decidida)* — Minhas filhas, uma só coisa posso dizer-vos: a hora é grave! Ajoelhai. Vamos resar a Nossa Senhora pela liberdade da nossa Pátria.

MAFALDA *(com entusiasmo)* — Pela Restauração de Portugal!

TERESA — Pelo Senhor D. João, Duque de Bragança! *(Ajoelham e D. Luisa, com o terço na mão, começa:* Em nome do Padre...)

FORTUNATA *(trémula, coxa, braços erguidos)* — Valei-nos, minha Mãe Santissima! *(Mafalda e Teresa levantam-se, num impeto, e chegam-se a ela).*

D. LUISA *(calma)* — O que há, Fortunata?

FORTUNATA *(exagerada e dramática)* — Foi o mafarrico do escudeiro da senhora Marquesa...

D. LUISA *(admirada)* — O que te fez o Bernardo, mulher?

FORTUNATA — A mim, nada, Senhora D. Luisa, graças à Divina Providência. Mas passou agora por'qui numa corrida e esteve a contar...

MAFALDA *(impaciente)* — Anda, Fortunata, despacha!

FORTUNATA — Credo, menina, não se me tolha a fala. Pois disse ele (e quantas ali estavam o ouviram), que na Praça da Ribeira está um rôr de liteiras, tudo alinhado e chegadinhas umas às outras, e com as cortinas cerradas...

D. LUISA *(levantando-se)* — E isso que tem de estranho, mulher? Devem ser as liteiras das damas da Duquesa de Mantua. Sempre me sairam umas medrosas, tu e a Justina! *(entra Justina, correndo, ofegante, pela porta que Fortunata deixou aberta).*

JUSTINA — Senhora D. Luisa, escutai as novas, por Deus!

D. LUISA *(inquieta, sem querer mostrá-lo)* — Fala, Justina.

JUSTINA — Chegou aqui o senhor Diniz...

TERESA — O mordomo dos tios Menezes?

JUSTINA — Esse mesmo, senhora D. Teresinha. E contou que, há migalhinha, ao bater das 9 na torre da Sé, se abriram, de repente, as portas de todas as liteiras...

FORTUNATA *(em lágrimas)* — Partida de castelhanos! Que estarão a tramar, os malditos?

JUSTINA *(rindo)* — Qual, senhora Fortunata, nada disso! De todas aquelas liteiras sairam, ao badalar das nove, muitos fidalgos armados!

MAFALDA *(com entusiasmo)* — Os nossos!

DULCE *(calma)* — Meu Deus, como a mana toma as coisas a peito!

D. LUISA *(inquieta)* — Vai, Justina, vai saber o que se passa, e leva a Fortunata, coitada. *(as creadas saem, e, com elas, sem ninguém reparar, saiu Teresa).*

D. LUISA *(ajoelhando no genuflexório)* — Só posso resar...

MAFALDA *(excitada)* — Pudesse eu vestir-me de homem e correr para junto do Pai e dos manos!

DULCE *(escandalisada)* — Oh, Mafalda!

D. LUISA *(voltando-se para as filhas)* — Não vejo a Teresa; aonde iria?

MAFALDA — Não podia ter-se aqui, minha mãe! E eu própria, se me deixasseis...

DULCE *(grave)* — Olhai, mana, que enquanto os homens batalham, as mulheres pedem por eles a Nossa Senhora. *(pela porta do fundo entram a Marquesa e D. Maria).*

D. LUISA *(avança para as acolher)* — Constança! Maria! Como chegastes até cá? Parece que há povo em borborinho pelas ruas! Viestes de sege? Quem vos acompanhou?

MARQUESA *(deixando-se cair numa cadeira)* — Ah, Luisa, julguei que a sege nos ficava no caminho!

D. MARIA *(sentando-se)* — Fomos à missa a Santa Luzia, e da Sé até aqui o povo enche as ruas de lado a lado, a dar vivas, a clamar, a correr para a Praça da Ribeira... Parecem todos loucos!

MARQUESA — Já quando acabou a missa ouvi bradar e gritar...

MAFALDA — E o que bradavam, minha tia?

MARQUESA — Não se entendiam os dizeres: bem vês, Mafalda, que Santa Luzia ainda fica longe da Sé. *(entra, correndo, Teresa. Vai direita à mãe, depois de beijar a mão e a cara de cada uma das tias).*

TERESA *(excitada)* — Passam gentes e mais gentes, minha mãe, tudo para os lados do Paço da Ribeira! E um homem ia a contar...

D. LUISA — Socega, Teresinha. Senta-te a meu lado.

MAFALDA *(ansiosa)* — Oh, minha mãe, por Deus, deixe-a contar!

TERESA — O tal homem vinha do Paço, e viu tudo o que lá se passou! E disse que a uma das janelas assomou, sabeis quem? O primo Miguel d'Almeida!

DULCE — Isso é engano, Teresinha; então a menina não sabe que o primo Miguel já fez oitenta anos?

TERESA *(com força)* — Não é engano, mana Dulce, não é. O homem falou assim: «Foi o velho D. Miguel d'Almeida, o das barbas brancas, quem, da janela do Paço gritou, e em toda a praça se ouviu: LIBERDADE! LIBERDADE! VIVA EL-REI D. JOÃO IV!

D. LUISA *(de mãos postas)* — Louvada seja Nossa Senhora da Conceição!

MARQUESA e D. MARIA *(idem)* — Para sempre seja louvada!

MAFALDA *(exaltadíssima)* — Minha mãe, minha mãe, deixai que se abram as janelas, para que se ouçam os brados do povo, sim?

D. LUISA — Sim, Mafalda, sim! Abre as janelas ambas! *(Mafalda e Teresa abrem as duas largas janelas; e, num barulho ENSURDECEDOR, ouve-se o TROAR DO CANHÃO, e o alegre REPICAR dos SINOS de Lisboa).*

MAFALDA *(abraçada às duas irmãs, com lágrimas de comoção)* — Portugal é restaurado! Portugal é restaurado! Viva El-Rei D. João IV! *(e agora, da rua, ouve-se, (acompanhado pelo som do canhão e dos sinos), cantado por vozes de homens:* o Hino da Restauração; *enquanto, devagar, cai o pano.*

FIM

CAMARADAGEM — Regresso de férias —

(Conclusão da página 12)

que deixou os estudos e está pouco habituada a governar a casa dum pobre!

E ela? Ela como é admirável o seu raciocínio! E' o braço direito dos dois. Do pai e da irmãzinha. Lava, esfrega, cozinha, resignando-se a encarar os seus sonhos todos desfeitos, o seu curso abandonado... A aluna classificada põe-se às vezes a olhar para mim com uns olhos tão bons que me dá vontade de desatar a chorar diante dela, mas ela murmura sorrindo: «Este era o meu destino, fui uma tonta, tive sonhos muito altos!» Ah! querida Madalena, aquele sacrifício aceite por uma rapariguinha de 15 anos é digno, é digno de nos servir de exemplo, a mim, a ti, à Lourdes! A Ermelinda merece todo o carinho das mestras que a vão visitar, o nosso auxílio em tudo...

Maria Antónia limpou duas lágrimas lindas de bondade que lhe corriam pelo rostozinho delicado como uma flor,

— Vira-te para mim, Maria Antónia, não me julgues tão estouvada... eu quero ser sincera, sou eu que to digo. A Ermelinda há-de continuar a ir ao liceu. Pagaremos a meias a uma criada. Vou já para casa dizer à avó que é necessário fazer-se isso, ou então telefono para qualquer pensão para lhes mandar a comida, e o homem da lavandaria, sim, há-de ir também o homem da lavandaria, não achas boa idéia!

Maria Antónia sorria daquele improviso, sorria como se divisasse, através do exagero de Madalena, aquela pequena chama côr de rosa que ela sonhara fazer nascer e via erguer-se da alma perturbada da sua companheira.

(Continua)

MARIA AMALIA FONSECA